

# MULHERES PROFESSORAS NA LITERATURA DE FOLHETIM NO BRASIL OITOCENTISTA: DESTINO DE PRÊMIO OU CASTIGO?

*Mujeres maestras en la literatura de folletín  
en el Brasil del siglo XIX: ¿destino de recompensa  
o castigo?*

## Women Teachers in Feuilleton Literature in Nineteenth-Century Brazil: Fate of Reward or Punishment?

Maria Celi CHAVES VASCONCELOS  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Correo-e: maria2.celi@gmail.com

Recibido el 2 de octubre de 2023

Aprobado el 18 de octubre de 2023

RESUMO: O estudo tem como objetivo recompor aspectos da formação feminina considerada adequada no Brasil na segunda metade do século XIX, tomando como fonte de pesquisa a literatura da época, ou seja, romances escritos naquele período. Em um plano mais específico, a partir da narrativa literária, são examinadas as descrições relativas a duas personagens inseridas no contexto do Rio de Janeiro oitocentista, ambas pertencentes às camadas populares da estrutura social vigente. Trata-se de uma pesquisa histórico-bibliográfica na qual a literatura é abordada como fonte principal, revelando-se bastante significativa para o entendimento do espaço ocupado pela educação e formação de mulheres como professoras no período abordado. Conclui-se que o ensino de aprendizagens consideradas indispensáveis à boa educação feminina era demanda constante para um bom casamento, assim como a aquisição do ofício de mestra era destinada, notadamente, às mulheres que, não dispondo de sustentação parental, tinham que prover o seu próprio sustento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Condição feminina; Narrativas de Formação; História e literatura; Folhetim; Rio de Janeiro oitocentista.

**RESUMEN:** El estudio tiene como objetivo recomponer aspectos de la educación femenina considerados adecuados en Brasil, en la segunda mitad del siglo XIX, tomando como fuente de investigación la literatura de la época, es decir, las novelas escritas en ese período. En un nivel más específico, a partir de la narrativa literaria, se examinan las descripciones relativas a dos personajes insertos en el contexto del Río de Janeiro en el ochocientos, ambos pertenecientes a los estratos populares de la estructura social. Se trata de una investigación histórico-bibliográfica, en la que se aborda la literatura como fuente principal, resultando bastante significativa para la comprensión del espacio ocupado por la formación y la educación de las mujeres como docentes, en el período abarcado. Se concluye que la enseñanza de oficios considerados esenciales para una buena educación femenina era una exigencia constante para un buen matrimonio, así como la adquisición del oficio de maestra, estaba destinada, en particular, a las mujeres que, al no contar con el apoyo de los padres, tenían para proveerse de su propio sustento.

**PALABRAS CLAVE:** condición femenina; narrativas de formación; historia y literatura; folletín; Río de Janeiro del siglo XIX.

**ABSTRACT:** The study aims to recompose aspects of female education considered adequate in Brazil, in the second half of the 19th century, taking the literature of the time as a research source, that is, novels written in that period. On a more specific level, based on the literary narrative, the descriptions related to two characters inserted in the context of nineteenth-century Rio de Janeiro, both belonging to the popular strata of the current social structure, are examined. It is historical-bibliographic research, in which literature is approached as the main source, proving to be quite significant for the understanding of the space occupied by the education and training of women as teachers, in the period covered. It is concluded that the teaching of skills considered essential for a good female education was a constant demand for a good marriage, as well as the acquisition of the teacher's trade, it was intended, notably, for women who, not having parental support, had to provide their own sustenance.

**KEYWORDS:** Female condition; Schooling Narratives; History and literature; Leaflet; 19th century Rio de Janeiro.

## 1. Introdução ao estudo: duas mulheres nas páginas de MACHADO DE ASSIS

**A**INDA REVERBERANDO A ESCOLA DOS ANNALES<sup>1</sup>, que mudou a maneira de se pensar e se fazer história, cada vez mais novas fontes e cenários de investigação desvelam-se aos historiadores e aos pesquisadores cujo foco é a

<sup>1</sup> A escola dos Annales foi um movimento historiográfico do século XX que se constituiu em torno do periódico acadêmico francês *Annales d'histoire économique et sociale*, criado por Lucien

recomposição de um objeto, circunstância, prática ou, enfim, de algum fragmento do vivido. O acontecimento passa a ser visto sob outro prisma, que considera as questões econômicas, diplomáticas, políticas e militares, além das ideias e dos sentimentos envolvidos nos processos históricos. De acordo com o balanço crítico de José Carlos Reis<sup>2</sup> sobre a «terceira geração dos Annales», quando se faz a passagem «Da História Total à História em Migalhas» ocorrem algumas mudanças de perspectivas, entre as quais o percurso que vai da História-Ciência Social à História-Literatura e as possibilidades da literatura como história, ainda que não se deva confundi-la «com simples literatura imaginativa»<sup>3</sup>.

Assim, no bojo da possibilidade de ampliação da concepção de documento e considerando a literatura também como fonte histórica, vislumbra-se nela o potencial para evidenciar o que Marc Bloch denomina de «modos de pensar e de sentir», que podem preencher lacunas da história, tendo em vista que o escritor, preocupado com a contextualização de sua narrativa, procura no seu entorno, nas histórias ouvidas, nos personagens observados por ele e nas condutas de cada um, elementos para construir seu próprio cenário. Castro acrescenta, ainda, que:

Sempre existiu uma íntima ligação entre a literatura e as cidades', pois é nas cidades que se encontram 'as instituições literárias básicas: editoras, patronos, bibliotecas, museus, livrarias, teatros, revistas'. É também no espaço urbano que 'as pressões, as novidades, os debates, o lazer, o dinheiro, a alta rotatividade das pessoas, os fluxos dos visitantes, o som de muitas línguas, a rápida troca de ideias e estilos, a oportunidade de especialização artística', se realizam<sup>4</sup>.

A literatura romântica que retrata o século XIX no Brasil é, na interlocução das narrativas com as cidades que servem de cenários, uma das principais fontes para se aproximar do panorama urbano da realidade existente. Isso porque, embora se apresente como narrativa de ficção, a literatura contém elementos que outras fontes documentais do período, como as cartas, as fotografias, os anúncios e a própria imprensa, não explicitam de forma tão elucidativa, mostrando, no tempo recortado pelo romancista, o movimento e a dinâmica do cotidiano dos sujeitos.

O romance, segundo Castro<sup>5</sup>, oferece «relatos da vida cotidiana, histórias sobre os recônditos da alma humana, percursos de formação». Ele aproxima os leitores das narrativas, ao mostrar cenas muito comuns no cotidiano de cada sujeito e que podem ser imaginadas com facilidade e aspiradas à medida que se lê.

---

Febvre e Marc Bloch, em 1929. Sua discussão propunha uma nova visão para a história, a partir da substituição da história dos acontecimentos pontuais por processos de longa duração nos quais se pudesse pensar a civilização e as mentalidades.

<sup>2</sup> REIS, J. C.: *Escola dos Annales: a inovação em História*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000, p. 204.

<sup>3</sup> BARROS, J. C. D'A.: «A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento», *Revista História em Reflexão*, UFGD, Dourados, 4(8) (jul./dez. 2010), p. 23.

<sup>4</sup> CASTRO, A. C. V. de: «Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana», *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, 24(3) (set./dez. 2016), p. 99.

<sup>5</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 100.

Além disso, mesmo quando os romances possuem descrições, por vezes satíricas ou caricatas, elas representam o realismo dos costumes com cenas reveladoras da vida burguesa, classe leitora e consumidora, em especial, deste tipo de literatura. Através dos romances e crônicas publicados como folhetins nos jornais, a burguesia urbana oitocentista deliciava-se ao ver retratadas as histórias que exacerbavam o cotidiano, dicotomizando os nexos entre o bem e o mal, o certo e o errado, o moral e o imoral<sup>6</sup>.

No Brasil, os romances dos períodos conhecidos na literatura do país como «romantismo»<sup>7</sup> e «realismo»<sup>8</sup>, de maneira geral, iniciam descrevendo o «herói», ou seja, o personagem principal e o seu entorno. Após essa referência, quase sempre dedicam alguns parágrafos a contar a condição educacional do personagem e como esta foi atingida.

Com base nesses registros, o presente estudo tem como objetivo central analisar aspectos da formação feminina para o ofício de professora, a partir da narrativa literária de Machado de Assis<sup>9</sup>, um dos principais autores brasileiros, cuja obra atinge seu ápice na segunda metade do século XIX. Para tanto, a pesquisa foca em duas personagens mulheres inseridas no contexto do Rio de Janeiro oitocentista, sendo que ambas são protagonistas forjadas nas páginas da literatura de folhetim do escritor, cuja finalidade era despertar a curiosidade do público leitor, particularmente, como hoje, expondo a privacidade do outro, ainda que sob a aparência de ficção.

<sup>6</sup> VASCONCELOS, M. C. C.: «La literatura como fuente documental para la investigación en historia de la educación en el Brasil», em *XVIII Coloquio de Historia de la Educación. Arte, literatura y educación*, Universitat de Vic – Universitat Central de Catalunya, Vic – Es, v. 2., 2015, pp. 297-310; VASCONCELOS, M. C. C.: «Mulheres educadas no oitocentos: o “final feliz” das casadoiras e o “triste fim” das professoras», em SILVA, A. L. (Org.): *Sujeitos em movimento. Instituições, circulação de saberes, práticas educativas e culturais*, Curitiba, Appris, v. 1, 2018, pp. 109-119.

<sup>7</sup> O Romantismo no Brasil compreende um período que vai de 1836 a 1881, como um primeiro movimento da literatura nacional brasileira, contribuindo para a criação de uma identidade cultural própria do país. Ele abrangia o rompimento com a cultura precedente, o Arcadismo, para substituí-lo por uma literatura povoada de subjetividade e de expressão dos sentimentos; era popular por meio dos folhetins de jornais; e dava liberdade e originalidade aos escritores para mostrarem, nas histórias, uma idealização da mulher e do amor.

<sup>8</sup> O Realismo, no Brasil, teve início no ano de 1881, quando Machado de Assis (1839-1908), que, até então, era um escritor romântico, publicou a obra realista *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. O autor mostrava o seu desencanto com a estética romântica e o conservadorismo que ela representava, criticando as contradições e os moralismos da elite burguesa, além de usar de ironia, descrições psicológicas e análises detalhadas dos personagens narrados.

<sup>9</sup> Martino define Machado de Assis (1839 a 1908) como um dos maiores expoentes da Língua Portuguesa no Brasil: «Ele viveu o século XIX, o das grandes transformações, tanto tecnológicas quanto político-sociais; presenciou a formação de influentes correntes ideológicas, como o darwinismo e o positivismo; corroborou com as mudanças literárias, do Romantismo para o Realismo/Parnasianismo; assistiu à mudança de regime governamental, passando do Império para a República». *Vid.* MARTINO, A.: «Literatura como fonte histórica: a língua portuguesa pelas crônicas de Machado de Assis», *Verbum*, 7(1) (2018), p. 76.

De acordo com Oliveira, «na década de 1840, o folhetim já é gênero de ficção corrente no Brasil, passando a exercer uma função preponderante na gênese do romance brasileiro»<sup>10</sup>. Como mais um modelo copiado da França, «o folhetim era tomado como leitura recreativa para um público mais amplo»<sup>11</sup>. Para a autora,

o folhetim escrito no Brasil, no segundo Reinado, apresentava a sociedade carioca da segunda metade do século XIX e seus personagens, dentre eles, as mulheres, com seus conflitos, impasses e conquistas, sua luta para tornar-se um indivíduo moderno. A partir de então forma-se um trio moderno *par excellence*: a mulher, a imprensa e a literatura – especialmente, a literatura romântica publicada em jornais – apresentada na forma de «ficção em pedaços» – ou em volumes<sup>12</sup>.

Considerando as relações permitidas entre a história e a literatura como fonte, e partindo das concepções sobre a temática de autores como Chartier<sup>13</sup>, Pesavento<sup>14</sup>, Karnal & Tatsch<sup>15</sup> e Ferreira<sup>16</sup>, a primeira personagem analisada neste estudo é Guiomar, criada por Machado de Assis para ser a protagonista do romance *A mão e a luva*, publicado como folhetim em 1874. A narrativa conta a história da moça órfã que vive sob a proteção da madrinha, uma baronesa viúva que, quando lhe morre a filha, a estabelece definitivamente em sua casa, alterando, sobretudo, seus planos educacionais.

A segunda personagem, também presente na obra de Machado de Assis, é *Iaiá Garcia*, heroína do romance datado de 1878, a qual ambicionava ser professora particular de piano, ou em um colégio, e que escapa a tal destino ao casar-se com um oficial do exército, não precisando mais submeter-se à condição de mestra.

A par das duas personagens enfocadas, o estudo tem como objetivos específicos averiguar as circunstâncias de formação dessas mulheres; analisar o padrão esperado de educação feminina na época; e verificar os arquétipos do que era permitido ao sexo feminino, de acordo com a condição social ocupada por cada uma no contexto oitocentista, conforme as descrições contidas nas fontes estudadas.

Contudo, não se pode perder de vista que as expectativas relativas à formação feminina no Oitocentos privilegiavam moldar uma boa esposa, boa gestora da

<sup>10</sup> OLIVEIRA, C. de: «Mulheres de estampa: o folhetim e a representação do feminino no Segundo Reinado», em KNAUSS, P. et al. (Orgs.): *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo Reinado*, Rio de Janeiro, Mauad X, Faperj, 2011, pp. 157-172.

<sup>11</sup> *Id.*, *Ibid.*, pp. 158-159.

<sup>12</sup> OLIVEIRA, C. de: «Mulheres de estampa: o folhetim e a representação do feminino no Segundo Reinado», em KNAUSS, P. et al. (Orgs.): *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo Reinado*, Rio de Janeiro, Mauad X, Faperj, 2011, pp. 157-172.

<sup>13</sup> CHARTIER, R. (Org.): *Práticas de leitura*, Tradução de Cristiane Nascimento, São Paulo, Editora Liberdade, 2000.

<sup>14</sup> PESAVENTO, S. J.: *História & História Cultural*, Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

<sup>15</sup> KARNAL, L. e TATSCH, F. G.: «A memória evanescente», em PINSKY, C. B. e LUCA, T. R. (Orgs.): *O historiador e suas fontes*, São Paulo, Contexto, 2011, pp. 9-27.

<sup>16</sup> FERREIRA, A. C.: «Literatura. A fonte fecunda», em PINSKY, C. B. e LUCA, T. R. (Orgs.): *O historiador e suas fontes*, São Paulo, Contexto, 2011, pp. 61-91.

casa e uma mãe capaz de educar seus filhos, sendo o ofício de professora destinado àquelas que não podiam alcançar essa prerrogativa<sup>17</sup>.

Os procedimentos metodológicos que nortearam a escrita do artigo são aqueles atinentes a uma pesquisa histórica e bibliográfica, que toma a literatura como a fonte documental principal, relacionando-a com outros estudos já realizados sobre a mesma temática, no contexto do Brasil do século XIX.

Assim, a pesquisa partiu da premissa de que a literatura oitocentista, escrita originalmente como folhetim<sup>18</sup> para ser publicada nos jornais da Corte carioca, a cidade do Rio de Janeiro, é um dos principais registros para se compreender a realidade existente naquele período, permitindo a recomposição de cenários historiográficos, especialmente aqueles que têm como foco anotações e reflexões sobre a cotidianidade vivida. Além disso, a literatura possibilita evidenciar elementos que outras fontes não explicitam de forma tão elucidativa, assim como viabiliza a localização de vestígios sobre o tema tratado – a formação educacional – em escritos não intencionais a essa finalidade, mas que, todavia, podem revelá-la.

## 2. A «fonte fecunda»: possibilidades da literatura clássica brasileira para a pesquisa

Não é por acaso que Antônio Celso Ferreira denomina a literatura como «a fonte fecunda». Ainda mais em se tratando da literatura clássica brasileira, que, no dizer do mesmo autor<sup>19</sup>, são «aquelas obras que se impuseram no tempo por seu valor intrínseco», não importando se foram «louvadas ou vetadas em sua época», «simplesmente porque aguçam a imaginação e a sensibilidade», aspectos essenciais em nosso ofício de historiadores.

Partilhando a afirmação do autor<sup>20</sup> e considerando que, por meio das fontes literárias, é possível verificar aspectos da formação feminina para o ofício de professora e como esse ofício era visto na época, segunda metade do século XIX, são tomadas como fontes as duas obras citadas da literatura clássica brasileira: *A mão e a luva* e *Iaiá Garcia*. Ambas foram escritas por Machado de Assis na década de 1870 e elaboradas originalmente como ficção romanesca, permitindo, através das narrativas daquele escritor, tecer um panorama da realidade existente no Rio de Janeiro, nos tempos do Império no Brasil. Segundo Ferreira,

<sup>17</sup> VASCONCELOS, M. C. C.: *A casa e seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos*, Rio de Janeiro, Gryphus, 2005.

<sup>18</sup> Embora publicadas originalmente como folhetins, na mesma época, Machado de Assis transformou as histórias em livros, sendo o romance *A mão e a luva*, de acordo com Campos, editado pela empresa Gomes de Oliveira & Cia, em 1874; enquanto o romance *Iaiá Garcia* foi editado pela firma G. Viana e Cia. Editores, em 1878. Vid. CAMPOS, A. S. L.: «Edições de Machado de Assis: por quê, para quê?», *Machadiana Eletrônica*, Vitória, 1(1) (jan./jun. 2018), p. 132.

<sup>19</sup> FERREIRA, A. C.: «Literatura. A fonte fecunda», em PINSKY, C. B. e LUCA, T. R. (Orgs.): *O historiador e suas fontes*, São Paulo, Contexto, 2011, p. 71.

<sup>20</sup> *Id.*, *Ibid.*

o romance contemporâneo está inteiramente entranhado na história e de história, não só porque integra os modos de produção, circulação e consumo da cultura em épocas determinadas, mas também por ter o tempo como elemento básico de sua estrutura narrativa<sup>21</sup>.

No entanto, o mesmo autor alerta<sup>22</sup> que tais representações se constituem sempre em um universo ficcional, por mais verossímil que tenha sido a intenção do narrador, e «o papel do historiador é confrontá-las com outras fontes, ou seja, outros registros que permitam a contextualização da obra para assim se aproximar dos múltiplos significados da realidade histórica»<sup>23</sup>.

Ainda assim, a literatura que retrata o século XIX, no Brasil, pode ser vista como um «arquivo de memórias» da época, contendo uma série de «tipos populares» presentes no cotidiano das cidades, como a parteira, as comadres, as beatas, as cartomantes, as viúvas, os «moços» vindos do interior, os estrangeiros, os caixeiros, os «clérigos lúbricos, os barbeiros, os sonolentos guardas do paço» etc.<sup>24</sup>. Da mesma forma, também traça algum perfil da «formação de meninas e meninos, moços e moças, naquele tempo e lugar»<sup>25</sup>.

Nessa perspectiva, o estudo em pauta não possui nenhuma pretensão de análise literária, mas apenas de mergulhar nas fontes, desvelando aquilo que está arquivado e pode ser analisado, em mais uma possibilidade de demonstrar aspectos da formação feminina, como uma das únicas ocupações permitidas e relativamente aceitas para as mulheres no Brasil oitocentista: o ofício de professora. Para tanto, a eleição de dois romances de Machado de Assis pareceu adequada, tendo em vista as possibilidades que eles demonstram de permitir o exame do passado, por vezes já tão lido, mas ainda possibilitador de novas leituras, em particular no que se refere às descrições do escritor sobre o ofício de professora e as motivações que levaram à sua escolha.

Nessa seleção dos romances/folhetins, observou-se ainda o que afirma Chalhoub: «ao contar suas histórias, Machado de Assis escreveu e reescreveu a história do Brasil no século XIX»<sup>26</sup>. O mesmo autor<sup>27</sup>, analisando a obra de Machado de Assis, embora tendo como foco o paternalismo e a escravidão, sugere elementos

<sup>21</sup> *Id., Ibid.*, p. 75.

<sup>22</sup> FERREIRA, A. C.: «Literatura. A fonte fecunda», em PINSKY, C. B. e LUCA, T. R. (Orgs.): *O historiador e suas fontes*, São Paulo, Contexto, 2011.

<sup>23</sup> *Id., Ibid.*, p. 77.

<sup>24</sup> VASCONCELOS, M. C. C.: «La literatura como fuente documental para la investigación en historia de la educación en el Brasil», em *XVIII Coloquio de Historia de la Educación. Arte, literatura y educación*, Universitat de Vic – Universitat Central de Catalunya, Vic – Es, v. 2., 2015, pp. 297-310; VASCONCELOS, M. C. C.: «Mulheres educadas no oitocentos: o “final feliz” das casadoiras e o “triste fim” das professoras», em SILVA, A. L. (Org.): *Sujeitos em movimento. Instituições, circulação de saberes, práticas educativas e culturais*, Curitiba, Appris, v. 1, 2018, pp. 109-119.

<sup>25</sup> VASCONCELOS, M. C. C.: *A casa e seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos*, Rio de Janeiro, Gryphus, 2005, p. 96.

<sup>26</sup> CHALHOUB, S.: *Machado de Assis: historiador*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 17.

<sup>27</sup> *Id., Ibid.*, p. 18.

importantes para se tomar o romance como «uma interpretação da sociedade brasileira durante o período de hegemonia do projeto saquarema»<sup>28</sup>. Além disso, segundo Chalhoub, «Machado de Assis foi um intérprete incansável do *discurso político possível* aos dominados»<sup>29</sup>, podendo-se incluir nesse rol, sem dúvida, as mulheres e a condição feminina na sociedade oitocentista.

De acordo com Araújo<sup>30</sup>, «a ficção pode revelar, até certo ponto, a situação das mulheres na sociedade», suas possibilidades e limites para receber educação apropriada ao seu lugar social. Vasconcelos, em pesquisa acerca da educação doméstica, traz, ainda, a constatação da análise literária como fonte de investigação, afirmando:

Se as histórias contadas nos romances não são «reais», elas são, sem dúvida, inseridas na realidade contextual da sociedade da época, pano de fundo para as aventuras, os dramas e desventuras desse cotidiano construído. Podem não ser «verdadeiras» as histórias, mas, com certeza, revelam emoções, atitudes, imagens, desejos, ações muito próximas da realidade<sup>31</sup>.

Dentro dessa abordagem, amplia-se o escopo da pesquisa, permitindo a utilização da literatura junto a outras fontes de investigação, para o que ela demonstra grande potencial no desvelar de aspectos, em geral, negligenciados e pouco perceptíveis em trabalhos baseadas unicamente em documentos considerados fontes «fidedignas» ou oficiais.

### 3. Guiomar e Iaiá: a formação de duas mulheres e suas expectativas no Oitocentos

A escolha dos dois romances de Machado de Assis para examinar a formação de suas personagens femininas ocorreu porque, para esse autor, como analisa

<sup>28</sup> Ilmar Mattos, em seu livro *O tempo Saquarema*, caracteriza os dirigentes saquaremas como um conjunto que engloba a alta burocracia imperial, senadores, magistrados, ministros e conselheiros de Estado, bispos e, ainda, os proprietários rurais localizados nas mais diversas regiões e nos mais distantes pontos do império, mas que orientam suas ações pelos parâmetros fixados pelos dirigentes imperiais, além dos professores, médicos, jornalistas, literatos e demais agentes «não públicos». O autor detalha as práticas desse grupo em seu projeto de consolidação do estado imperial. Vid. MATTOS, I. R.: *O Tempo Saquarema - A Formação do Estado Imperial*, 4.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, ACESS, 1999, p. 3.

<sup>29</sup> CHALHOUB, S.: *Machado de Assis: historiador*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p.62.

<sup>30</sup> Helena Costa de Araújo é autora de tese de doutoramento publicada com o título de *Pioneiras na educação: as professoras primárias na viragem do século: contextos, percursos e experiências, 1870-1933*, cujo estudo aborda o processo da construção do ensinar na escola primária em Portugal, como trabalho de mulheres, no período que decorre entre 1870 e 1933. Vid. ARAÚJO, H. C.: *Pioneiras na educação, as professoras primárias na viragem do século 1870-1933*, Lisboa, Instituto de Inovação educacional, IE, 2000.

<sup>31</sup> VASCONCELOS, M. C. C.: *A casa e seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos*, Rio de Janeiro, Gryphus, 2005, p. XXIV.

Chalhoub (2003, p. 92), «interessava desvendar o sentido do processo histórico referido, buscar as suas causas mais profundas, não necessariamente evidentes na observação da superfície dos acontecimentos»<sup>32</sup>.

Com efeito, essa foi uma das intenções de Machado de Assis quando escreveu *A mão e a luva*, romance publicado como folhetim em 1874, que tem como personagem principal Guiomar, moça órfã que foi viver com a madrinha, uma baronesa viúva que havia perdido a única filha. Além de Guiomar, aparecem na narrativa outras duas mulheres, a baronesa e sua dama de companhia, uma inglesa tratada no romance como Mrs. Oswald.

O romance foi publicado pela primeira vez em um sábado, 26 de setembro de 1874, no jornal *O Globo: Órgão da Agência Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria*<sup>33</sup>, na sessão chamada de *Folhetim do Globo*, na qual o autor, após o seu nome, intitulava o primeiro capítulo como «*O fim da carta*». A seguir, em uma publicação que pretendia ser diária, mas que nem sempre ocorria dessa forma, a novela estendeu-se até o dia 03 de novembro de 1874, totalizando vinte capítulos.

A história é ambientada no ano de 1853, como informa o autor logo na primeira intervenção como narrador. Todavia, as abordagens sobre a condição feminina não parecem ter sido alteradas ao longo dos vinte anos que distanciam as circunstâncias narradas e a época de sua publicação, 1874, sugerindo que a lacuna temporal tenha sido um recurso para dissimular qualquer semelhança com situações reais ocorridas nos anos de 1870 que, porventura, pudessem ser associadas.

Ao apresentar a protagonista, Machado de Assis informa que Guiomar é uma «moça de dezessete anos, e, por ora, simples aluna-professora no colégio», localizado à rua dos Inválidos. Contudo, ao entrar no colégio no qual estudava para ser professora, Guiomar já havia sido educada pela mãe, antes que esta morresse:

Sua mãe, depois que lhe morrera o marido, não tinha outro cuidado na terra, nem outra ambição mais, que a de vê-la prendada e feliz. Ela mesma lhe ensinava a ler mal, como ela sabia – e a coser e bordar, e o pouco mais que possuía de seu ofício de mulher. Guiomar não tinha dificuldade nenhuma em reter o que a mãe lhe ensinava, e com tal afinco lidava por aprender, que a viúva – ao menos nessa parte – sentia-se venturosa. Hás de ser a minha doutora, dizia-lhe muita vez; e esta simples expressão de ternura alegrava a menina e lhe servia de incentivo à aplicação<sup>34</sup>.

<sup>32</sup> CHALHOUB, S.: *Machado de Assis: historiador*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

<sup>33</sup> Molina, escrevendo sobre o *Jornal do Commercio*, o periódico de maior tiragem na Corte carioca, afirma que «novos concorrentes surgiram nos anos 1870. O Globo foi lançado em 1874 como órgão da Agência Americana Telegraphica, de Manuel Gomes de Oliveira e fechou em 1878. Foi relançado em 1881 sob a direção de Quintino Bocayuva e circulou até 1883, tendo alcançado um inegável prestígio». Machado de Assis escreveu sobre ele: «O Globo honra a nossa imprensa e merece ser coadjuvado por todos os que amam essa alavanca do progresso, [...] [em que] ocupa lugar distinto». Vid. MOLINA, M.: *História dos jornais no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2015, p. 251.

<sup>34</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M.: *A mão e a luva*, Porto Alegre, L&PM, 2002, p. 47.

Aos 13 anos, Guiomar ficou órfã, e a madrinha, sendo uma baronesa de muitas posses, fez com que ela entrasse para um colégio «onde aperfeiçoava o que sabia e onde lhe ensinavam muita coisa mais». Quando a moça tinha 16 anos, a baronesa mudou-a de colégio, para outro que lhe parecia mais adequado a dar melhor educação. Guiomar manifestava o desejo de ser professora e expressou-o da seguinte maneira à madrinha:

– *Não há outro recurso, disse ela à baronesa quando lhe confiou esta aspiração.*  
 – Como assim? Perguntou a madrinha. – *Não há, repetiu Guiomar. Não duvido, nem posso negar o amor que a senhora me tem; mas a cada qual cabe uma obrigação, que se deve cumprir. A minha é... é ganhar o pão. [...] Peço-lhe uma coisa honrosa para mim [...]*<sup>35</sup>.

No entanto, pouco tempo depois, uma reviravolta do destino faz com que o conformismo de Guiomar deixasse para sempre de acompanhá-la. Morre a única filha da baronesa, que, a fim de aplacar o vazio deixado, toma Guiomar para preencher o lugar da menina, estabelecendo-a definitivamente em sua casa e, dessa forma, alterando seus planos anteriores. Já não se tornava adequado que, sendo considerada como filha de uma baronesa, viesse a ser professora, como a própria Guiomar explica ao encontrar o sobrinho da antiga mestra do colégio:

[...] eu saí do colégio, logo depois que o senhor seguiu para São Paulo. Saí a convite da baronesa, minha madrinha, que lá foi buscar-me um dia, alegando que eu já não tinha que aprender, e que me não convinha ensinar. – Decerto, assentiu Estevão. – *Minha tia é que não deixou nem podia deixar de ensinar; acabou no ofício*<sup>36</sup>.

Do que se pode depreender do relato machadiano, ensinar tanto em casas de família quanto em colégios, no Brasil oitocentista, era uma prática aceita apenas para as mulheres que necessitavam desse trabalho para sobreviver, tratando-se de uma ocupação para classes desfavorecidas social e economicamente. Uma vez elevada à condição de herdeira de uma baronesa, a personagem do romance *A mão e a luva* rapidamente se identificou com a nova condição social, sendo, a partir daí, descrita pelo autor como alguém que «voluntariamente, só uma vez aceitara a obscuridade e a mediania; foi quando se propôs a seguir o ofício de ensinar; mas é preciso dizer que ela contava com a ternura da baronesa»<sup>37</sup>.

Enquanto Guiomar era apenas uma órfã cujas perspectivas sociais contavam tão somente com a condição de ser afilhada da baronesa, estar em um colégio recebendo formação para atuar como professora era o mais apropriado e até considerado uma função «honrosa», tendo em vista a ausência de qualquer sustentação ou vínculo parental para provê-la, como sugere ser o caso da tia do personagem Estevão. Porém, a partir do momento em que a baronesa faz Guiomar ocupar o

<sup>35</sup> *Id., Ibid.*, p. 50.

<sup>36</sup> *Id., Ibid.*, p. 36, grifo da autora.

<sup>37</sup> *Id., Ibid.*, p. 117.

lugar de sua filha, continuar a formação para ser professora não era mais necessário, como também não era essa uma função adequada à sua nova condição social, demonstrando, explicitamente, pela narrativa do autor, as representações restritivas que envolviam o ofício de ensinar para as mulheres no Brasil oitocentista.

Cabe lembrar, como assevera Martino<sup>38</sup>, que «o primeiro passo para o uso bem-sucedido da literatura como fonte histórica é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade». Ao contar a história de Guiomar, Machado de Assis não deixa de traçar um estereótipo da «baronesa» e de sua protegida, dando a elas características maniqueístas previsíveis, as quais, quando se trata da realidade, são transpassadas por múltiplos acontecimentos, não se limitando a uma única narrativa. Assim, não se pode transpor rigorosamente a narrativa literária para a história, ainda que ele forneça inúmeros vestígios.

No caso da baronesa e sua imbricada atuação na história da disputa amorosa entre Jorge, Estevão, Luís Alves e Guiomar, de acordo com Mangini<sup>39</sup>, por certo, ela «é a principal responsável pela pressão familiar, pois [...] em Jorge parecia-lhe ver todos os dotes necessários para torná-la venturosa». Além disso, as palavras da baronesa a Mrs. Oswald revelam o quanto a mudança de condição social havia alterado a vida de Guiomar. Estevão, que talvez fosse um bom pretendente para a aprendiz de professora, agora se tornava um empecilho às aspirações da baronesa para com a sua filha adotiva. Ao saber do encontro de Guiomar com o rapaz, ela comenta seus receios para a dama de companhia inglesa:

Não sei se tudo; mas enfim disse-me que, estando a passear na chácara, vira o tal sobrinho da mestra, junto à cerca do Dr. Luís Alves, e ficara a conversar com ele. Que será isto, Mrs. Oswald? Algum amor que continua ou recomeça agora, – agora, que ela já não é a simples herdeira da pobreza de seus pais, mas a minha filha, a filha do meu coração<sup>40</sup>.

Enfim, os medos da madrinha não se concretizaram, e o desfecho da história do destino matrimonial de Guiomar será desiludir a Estevão, pela segunda vez, e a Jorge, seu outro pretendente, sobrinho da baronesa. A jovem opta por realizar seus desejos mais ambiciosos, casando-se com o vizinho da baronesa, Luís Alves, recém-eleito deputado e, dessa forma, consolidar sua posição social tão aspirada. Ela e Luís Alves, na literatura machadiana, representam o casamento perfeito entre duas pessoas calculistas, que não medem esforços para suas conquistas, combinando-se como «a mão e a luva».

<sup>38</sup> MARTINO, A.: «Literatura como fonte histórica: a língua portuguesa pelas crônicas de Machado de Assis», *Verbum*, 7(1) (mai. 2018), pp. 74-75.

<sup>39</sup> MANGINI, M. Â. A.: «Análise de “A mão e a luva”», de Machado de Assis, segundo conceitos da filosofia de Schopenhauer», *Mafuná*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 28 (2017).

<sup>40</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M.: *A mão e a luva*, Porto Alegre, L&PM, 2002, p. 12.

Assim, «a moça de 17 anos», descrita por Machado de Assis ao começar a narrativa como «por ora, simples aluna-professora no colégio»<sup>41</sup>, escapa ao destino considerado obscuro e mediano e recebe o final feliz desejado para as heroínas daquele tempo, o casamento com um homem de posição social elevada.

O segundo romance de Machado de Assis escolhido para a análise das narrativas sobre a formação feminina e as expectativas relativas ao ofício de professora é intitulado *Iaiá Garcia*, nome da protagonista, que, como a heroína anterior, também ambicionava ser mestra de piano.

Em 1º de janeiro de 1878, uma terça-feira, iniciavam-se os capítulos dessa história contada como folhetim do jornal *O Cruzeiro*<sup>42</sup>, periódico bastante popular na Corte do Rio de Janeiro. A «novela» intitulada «Yayá Garcia», na grafia original, era escrita periodicamente por Machado de Assis e estendeu-se até sábado, 02 de março de 1878, finalizando no capítulo XVII. *O Cruzeiro*, jornal no qual originalmente o romance de Iaiá Garcia foi publicado, era um periódico diário brasileiro, lançado no Rio de Janeiro, em 1º de janeiro de 1878. Machado de Assis, que começara nele a sua novela «Yayá Garcia», escreveu sobre o novo jornal em sua outra coluna intitulada *História de Quinze Dias*, na *Revista Ilustração Brasileira*, registrando o surgimento da publicação nesses termos: «Apareceu mais um campeão na imprensa diária, *O Cruzeiro*, jornal anunciado há algumas semanas. Desejamos longa vida ao nosso novo e brilhante colega»<sup>43</sup>.

Como no romance *A mão e a luva*, Machado de Assis localiza a história de *Iaiá Garcia* em um tempo distanciado da publicação, o ano de 1866. A protagonista criada pelo autor era filha de um modesto funcionário público, sendo órfã de mãe e estando a ser educada em um colégio. «Contava onze anos e chamava-se Lina. O nome doméstico era Iaiá. No colégio, como as outras meninas lhe chamassem assim, e houvesse mais de uma com igual nome, acrescentavam-lhe o apelido de família. Esta era Iaiá Garcia»<sup>44</sup>.

Interna durante a semana no colégio, a menina ia para a casa aos sábados, quando contava ao pai o que aprendera durante os dias anteriores e «confiava» a ele os seus planos de se tornar mestra de piano. O pai de Iaiá Garcia, ao escutá-los, assim se posicionava:

<sup>41</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 2.

<sup>42</sup> Conforme Molina, *O Cruzeiro* surgiu em 1878 como uma séria ameaça aos outros jornais da época, já com 12 mil assinantes. «O redator Ernesto Mattoso disse que um acionista do Jornal do Commercio “ficou assustado, irrequieto, com medo de que *O Cruzeiro*, tão favorecido pelo comércio, viesse fazer sombra ao seu jornal”. Até ver o “pavoroso primeiro número”. Não conseguiu receber o papel encomendado na Europa e comprou papel “na praça, amarelo, feio”: “a montanha pariu um rato... Podemos dormir tranquilos”, disse ele. *O Cruzeiro* fechou em 1883». *Vid.* MOLINA, M.: *História dos jornais no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2015, p. 251.

<sup>43</sup> O escritor tornar-se-ia colaborador assíduo do novo jornal, em cujo folhetim publicava também uma coluna semanal de crônicas – «Notas Semanais» –, bem como outros textos, sob o pseudônimo Eliezar.

<sup>44</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M.: *Iaiá Garcia*, Porto Alegre, L&PM, 2002b, p. 15.

Luís Garcia sorria a esses planos da meninice, tão frágeis e fugidios como suas impressões. Também ele os tivera aos dez anos. Que lhe ficara dessas primeiras ambições? Um resíduo e nada mais. Mas, assim como as aspirações daquele tempo o fizeram feliz, era justo não dissuadir a filha de uma ambição, aliás inocente e modesta. Oxalá não viesse a ter outras de mais alto vôo! Demais, que lhe poderia ele desejar, senão aquilo que a tornasse independente e lhe desse os meios de viver sem favor? *Iaiá tinha por si a beleza e a instrução; podia não ser bastante para lhe dar casamento e família. Uma profissão honesta aparava os golpes possíveis da adversidade. Não se podia dizer que Iaiá tivesse talento musical: que importa? Para ensinar a gramática da arte, era suficiente conhecê-la*<sup>45</sup>.

No triângulo amoroso pelo qual se encaminha a narrativa desse romance machadiano, a outra personagem feminina é Estela, também filha de um modesto escrevente que, tendo morrido a mulher, com a ajuda do desembargador para quem trabalhava, consegue colocar a filha em um colégio, com o propósito de que, igualmente, um dia, ela pudesse se tornar professora. «Morta a mulher, alcançou do desembargador um enxoval completo para fazer entrar a filha num colégio, visto que até então nada aprendera, e já agora não podia deixá-la sozinha em casa. O desembargador dera o enxoval; algumas vezes pagou o ensino»<sup>46</sup>.

Ao terminar os estudos e sair do colégio, Estela, também órfã de mãe, vai para a casa do desembargador, já falecido, onde é recebida como agregada para fazer companhia à viúva. Tais circunstâncias acabam por fazer com que Estela se apaixone pelo filho da viúva, chamada Valéria, a qual vai usar de todos os artifícios possíveis para afastar o filho desse enlace, por não achar a moça em posição social apropriada para casar-se com ele. Ainda que a própria Estela reconhecesse a sua «inferioridade», ela não foi capaz de se escusar do afeto que lhe devotava o filho do desembargador. Nas palavras de Machado de Assis, ao concluir o colégio e ir para a casa da viúva do desembargador, Estela, «simples agregada ou protegida, não se julgava com direito de sonhar outra posição superior e independente»<sup>47</sup>, quiçá ser digna do afeto do herdeiro da família. Assim, decide parecer indiferente às investidas do jovem, por se julgar inadequada para sua consorte, acabando por deixá-lo sem esperanças de ser correspondido, o que o faz partir para a Guerra do Paraguai.

Sobre essa separação, Sens explicita que Estela «aceita sua situação social e, mesmo secretamente ainda guardando um amor por Jorge, não faz grande oposição a sua partida, pensando na separação como um ocorrido positivo aos dois»<sup>48</sup>. Valéria, a viúva, mãe de Jorge, por sua vez, prefere ver o filho na guerra a casado com Estela, como demonstra Machado de Assis:

<sup>45</sup> *Id., Ibid.*, pp. 19-20, grifo da autora.

<sup>46</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M.: *Iaiá Garcia*, Porto Alegre, L&PM, 2002b, p. 36.

<sup>47</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M.: *Iaiá Garcia*, Porto Alegre, L&PM, 2002b, p. 42.

<sup>48</sup> SENS, R. M.: «A Guerra do Paraguai em Iaiá Garcia, de Machado de Assis», *Mafuá*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 21 (2014), s/p.

Isto posto, não admira que Valéria receasse a cada instante a terminação da guerra e a pronta volta do filho. Se tal coisa acontecesse, ela teria dado um golpe inútil, e o fogo podia renascer das cinzas mal apagadas. Valéria preferia as soluções radicais. Uma vez arredado o filho, viu a necessidade de aniquilar as últimas esperanças, e o mais seguro meio era casar Estela. Assim procedendo, satisfaria também a afeição que tinha à moça, afeição que nunca lhe diminuiria. Sabia que entre Estela e o pai havia contrastes morais de difícil conciliação. Cada um deles falava língua diferente, não podiam entender-se nunca, sobretudo, (dizia ela consigo) na escolha de um consorte<sup>49</sup>.

Assim, aproveitando-se da ausência do filho, a viúva promove o casamento de Estela com o pai de Iaiá, Luís Garcia, afastando-a definitivamente de Jorge, seu filho. Quanto à Estela, aceita o casamento, que, a seu ver, estava mais de acordo com a sua modesta posição social, tornando-se madrasta de Iaiá. Tratava-se de um bom consórcio para ela, pois, ainda que casada com um homem de sua mesma modesta condição, por ora estava livre de ter que exercer o ofício de professora.

Estela tem na vida de casada com Luís Garcia a conformação absoluta de quem acreditava estar cumprindo o único papel adequado que a condição feminina impunha às mulheres daquele tempo, cuidando do marido, da enteada e de sua própria casa. Iaiá, sua enteada, também educada em um colégio, visava nessa formação ao mesmo propósito de ser professora, caso um dia precisasse ensinar para prover o próprio sustento.

No entanto, quando Jorge volta do Paraguai, Machado de Assis, como um senhor do destino, muda radicalmente os rumos da história tão bem tecida pela mãe, que tudo fez para afastar o filho do casamento com uma moça pobre. Assim, Jorge acaba por se aproximar de Iaiá, a qual conquista o amor do rapaz que, apaixonado, pede-a em casamento. Com esse desfecho, Iaiá livra-se do tão fadado ofício de mestra, recebendo do autor, ao final do romance, o destino considerado o mais adequado e desejado pelas moças da época: casa-se com o filho da viúva do desembargador, tornado oficial do exército e detentor de uma elevada condição social na época.

Mas não se pode esquecer que Jorge, o noivo, era o mesmo cuja mãe, Valéria, que já havia morrido, quando viva, tudo havia feito para separá-lo de Estela, madrasta de Iaiá, por ser a moça de condição humilde, não adequada às suas pretensões para mulher do filho. Assim, quando Luís Garcia também morre e Estela fica viúva, ela percebe que não poderá continuar a conviver com a enteada, Iaiá, e o marido, Jorge, por ele se tratar de seu antigo afeto.

Diante das adversidades do destino tão bem retratadas por Machado de Assis, Estela relembra de sua formação para o ofício de professora e acaba oferecendo-se para trabalhar em um colégio longe da Corte: «Uma antiga condiscípula de Estela, residente no norte de São Paulo, aceitava a proposta que esta lhe fizera, de ir dirigir-lhe o estabelecimento de educação que ali fundara desde alguns meses»<sup>50</sup>.

<sup>49</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M.: *Iaiá Garcia*, Porto Alegre, L&PM, 2002b, p. 30.

<sup>50</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M.: *Iaiá Garcia*, Porto Alegre, L&PM, 2002b, p. 214.

Dessa forma, Machado de Assis opta por um «final feliz» para a jovem Iaiá Garcia, que se casa com Jorge, militar condecorado na guerra e filho de desembargador, legando à sua madrasta, Estela, viúva de seu pai e antigo afeto de Jorge, seu noivo, a outra única opção «honrosa» às mulheres daquela época, ocupar-se da educação de meninas em colégios ou em casas de família, sugerindo que ela teria o mesmo fim da tia de Estevão, personagem do romance *A mão e a luva*, que «acabou no ofício», isto é, exerceu-o até morrer.

O romance *Iaiá Garcia* representa de forma exemplar as questões de classe em uma sociedade hierarquicamente diferenciada, na qual o trabalho feminino e, nesse caso, as poucas opções que se apresentavam às mulheres eram consideradas ocupações apenas destinadas àquelas que não possuíam uma condição social e econômica «adequada», ou seja, mulheres que precisavam adquirir seu próprio sustento, ou àquelas que não se casavam ou ficavam viúvas.

Como assegura Xavier, os textos literários do século XIX possuem um potencial particular para o estudo da história da educação, sobretudo examinando-se as informações relativas ao lugar atribuído ao sexo feminino, para o qual se mantém «intacta a admissão, quando não a defesa, do papel social subalterno da mulher»<sup>51</sup>.

A educação feminina considerada apropriada e correta era aquela dada às mulheres para se tornarem boas esposas, mães de família e gestoras da casa, como expõem os diversos manuais que, segundo Malta, são publicados para a organização do lar ou de economia doméstica, «pois era preciso preparar as futuras rainhas para ocuparem seu reino»<sup>52</sup>. De acordo com a autora, desde o período imperial os folhetins e os romances já se dedicavam a assuntos sobre o asseio e a ordem do lar, a educação dos filhos, o orçamento familiar e o trato com os empregados, tentando convencer as leitoras «da responsabilidade do papel de mãe e esposa na formação do caráter e da saúde da nação»<sup>53</sup>.

Nesse caso, tanto Guiomar como Iaiá Garcia são exemplos da formação diferenciada por classe social, mas também relativa às expectativas que havia para as mulheres dos diferentes extratos da população. À «filha» da baronesa esperava-se um destino compatível com o das mulheres da nobreza: casar-se, cuidar da casa, do marido e dos filhos, frequentar os salões e fazer «boa» figura na sociedade de seu tempo. Às outras mulheres, sem provimento econômico ou social, restava a busca por uma atividade honesta para que não fossem completamente excluídas do convívio com suas pares.

A literatura reproduz, em forma de romance, esses preconceitos existentes, oferecendo àquelas que não obtinham do escritor o final feliz do casamento, mas cujo personagem também não merecia ser castigado, um dos poucos destinos

<sup>51</sup> XAVIER, M. E. S. P.: *A educação na literatura do século XIX*, Campinas, SP, Editora Alínea, 2008, p. II.

<sup>52</sup> MALTA, M.: *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Mauad X, Faperj, 2011, p. 42.

<sup>53</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 42.

aceitos para as mulheres que precisavam se sustentar sem cair em desonra: ser professora<sup>54</sup>.

#### 4. Considerações Finais

As representações relativas à formação feminina e suas expectativas para o ofício de professora estão bastante presentes na literatura oitocentista. Nesse sentido, a utilização da literatura como fonte também se refere, conforme afirma Xavier, às possibilidades que são oferecidas à investigação histórica, «dada a sua extrema preocupação com a verossimilhança e com a crônica social. Há uma preocupação explícita e assumida pelos escritores românticos, realistas e naturalistas com a crônica social elaborada com função crítico-pedagógica, seja de caráter renovador ou conservador»<sup>55</sup>.

Corroborando a investigação detalhada realizada por Xavier sobre a literatura do período em sua interface com a educação, conclui-se que a formação feminina era destinada tão somente ao cumprimento do papel social esperado das mulheres, ou seja, sua preparação para o «lar», vendo-se sob suspeição as instituições escolares, que não pareciam o lugar mais seguro e adequado para educar as filhas mulheres. Para a sociedade oitocentista, o que mais importava era a educação moral da mulher e seu desempenho como esposa e mãe.

Contudo, àquelas que não dispunham de recursos financeiros ou de um casamento seguro para conduzir sua vida, a escolha do magistério era a forma mais digna de trabalhar fora de casa, o que, por si só, já era considerado uma anomalia no destino feminino, notadamente reservado a moças sem dote.

A partir da análise da condição educacional das duas personagens mulheres estudadas, conclui-se que o ensino de aprendizagens consideradas indispensáveis à boa educação feminina era uma demanda constante nas elites brasileiras para se alcançar um bom casamento, assim como a perspectiva de aquisição de um ofício, como o de professora, era destinada, particularmente, às mulheres que, não dispondo de sustentação parental, tinham que prover o seu próprio sustento.

Cabe notar, em que pesem os preconceitos existentes nas fontes literárias estudadas, que a ocupação de mestra de meninas é a única opção de trabalho feminino descrita e relativamente aceita nas histórias dos romances oitocentistas investigados.

Assim, por meio da literatura clássica brasileira, é possível constatar como a formação feminina para o lugar de professora era considerada um destino infeliz no imaginário dos romances escritos no Brasil, na segunda metade do século XIX.

<sup>54</sup> VASCONCELOS, M. C. C.: «Mulheres educadas no oitocentos: o “final feliz” das casadoiras e o “triste fim” das professoras», em SILVA, A. L. (Org.): *Sujeitos em movimento. Instituições, circulação de saberes, práticas educativas e culturais*, Curitiba, Appris, v. 1, 2018, pp. 109-119.

<sup>55</sup> XAVIER, M. E. S. P.: *A educação na literatura do século XIX*, Campinas, SP, Editora Alínea, 2008, p. II.

Tomando como fonte de pesquisa a literatura da época, ou seja, os romances escritos naquele período, ser mulher e professora na literatura de folhetim era um destino, senão de castigo, tão somente de consolação, diante da felicidade aspirada pelo casamento e pela vida doméstica com o marido e os filhos e filhas.

